



**Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)**

Museu Pedagógico e Memória Educativa

Atena
Editora
Ano 2020



**Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)**

Museu Pedagógico e Memória Educativa

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Camila Alves de Cremo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M986	<p>Museu pedagógico e memória educacional [recurso eletrônico] / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-185-5 DOI 10.22533/at.ed.855201307</p> <p>1. Educação. 2. Memória educacional. I. Silva, Américo Junior Nunes da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo destrato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. Precisamos criar diferentes espaços de resistência a todos os retrocessos que nos estão sendo impostos. Esse livro, intitulado “Museu Pedagógico e Memória Educacional”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, a mulher negra, o trabalhador, a juventude rural, os professores em seus diferentes espaços de trabalho, pessoas com necessidades especiais...

Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro, tendo a história e a memória como dimensões que potencializam o pensamento crítico. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns do contexto educacional.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país ou aqueles que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejo uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PENSANDO A EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM MUSEUS: EXPERIÊNCIA NA CASA DA DESCOBERTA	
Valéria Menezes Rodrigues da Costa	
Kátia Arruda Dias	
Rosana Maria do Prado Luz Meireles	
Edicléa Fernandes Mascarenhas	
DOI 10.22533/at.ed.8552013071	
CAPÍTULO 2	12
MULHER NEGRA E EDUCAÇÃO SUPERIOR: IMPASSES HISTÓRICOS E ATUAIS	
João Paulo Lopes dos Santos	
Núbia Regina Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.8552013072	
CAPÍTULO 3	22
UM REVISITAR AS MEMÓRIAS EDUCACIONAIS: OS PRIMEIROS CURSOS DE MATEMÁTICA E AS IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR	
Américo Junior Nunes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8552013073	
CAPÍTULO 4	37
ARTE E TRABALHO NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL DE SEGMENTOS DA CLASSE TRABALHADORA	
Isabel Cristina Chaves Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.8552013074	
CAPÍTULO 5	41
JUVENTUDE RURAL NO IFNMG – <i>CAMPUS ARAÇUAÍ</i> : DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS JOVENS RURAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO TÉCNICA	
Fabiano Rosa de Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.8552013075	
CAPÍTULO 6	48
<i>O CORTIÇO</i> NA SALA DE AULA: UMA RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA	
Irenice de Oliveira Silva Santos	
Maria Aparecida Antunes Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.8552013076	
SOBRE O ORGANIZADOR	58
ÍNDICE REMISSIVO	59

O CORTIÇO NA SALA DE AULA: UMA RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

Data de aceite: 01/07/2020

Data de submissão: 27/03/2020

Irenice de Oliveira Silva Santos

Servidora Pública do Estado da Bahia

<http://lattes.cnpq.br/1276261383240164>

Maria Aparecida Antunes Moreira

Servidora Pública do Estado de Minas Gerais

<http://lattes.cnpq.br/0214246090654490>

RESUMO: Este trabalho pretende mostrar a pertinência do uso da literatura nas aulas de história, especificamente do Ensino Médio. A partir do romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, traçou-se um paralelo entre a literatura e a história, explorando algumas questões retratadas no romance e relacionando-as com os acontecimentos e as ideias presentes na sociedade brasileira do período em que se passa a trama. O trabalho foi realizado com duas turmas de terceiro ano do Ensino Médio em uma escola da rede estadual na cidade de Iuiu-BA. Primeiro, os alunos fizeram a leitura do romance, em seguida, foram utilizados vídeos e imagens retratando o período de transição da Monarquia para a República no Brasil, com ênfase na então capital do país, o Rio de Janeiro.

Trechos e ideias presentes no romance foram utilizados para a compreensão dos eventos históricos e de correntes de pensamento no período que antecedeu a Proclamação da República no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de história. História. Literatura.

THE SLUM (O CORTIÇO) IN CLASSROOM: A RELATION BETWEEN HISTORY AND LITERATURE

ABSTRACT: This work aims to show the importance of literature use in History classes for High School. From the novel “O cortiço” (The Slum) written by Aluísio de Azevedo it was made a parallel between the literature and the history, exploring some issues approached on novel and relating them with the events and ideologies present in Brazilian societies in the period that the plot is inserted. This work was done with two classes of 3rd grade in a public High School from Bahia State in Iuiu city. Firstly, the students had read the novel, after that it was showed them some vídeos and images about the transition period from Monarchy to Republic in Brazil emphasizing the capital of the country in that period, Rio de Janeiro. Passages and ideas on novel were used to understand the historical

events and currents of thought that had come before the Proclamation of the Republic in Brazil.

KEYWORDS: History. History teaching. Literature.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa concluída no ano de 2019 e visa investigar o uso da literatura como auxiliar no processo de construção do conhecimento histórico, estabelecendo um paralelo entre o romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e o período de transição da Monarquia para a República no Brasil.

Conforme Santos e Moreira (2019) a literatura constituiu-se numa ferramenta de investigação capaz de auxiliar o historiador no seu trabalho de reconstituição dos eventos históricos, sendo pertinente o seu uso como recurso metodológico nas aulas de história. A partir de autores como Roger Chartier (2002) e José Carlos Reis (2000), estabeleceu-se um paralelo entre a história e a literatura, buscando associar o que os dois campos do saber tem em comum.

O uso da literatura como fonte histórica se tornou possível desde a terceira geração do movimento dos *Annales* na França, a partir das décadas de 1970 e 1980, período em que a história se abriu para novas perspectivas, dialogando com outros campos do saber, de acordo com Roger Chartier (2002) e, tentando atingir o público “culto não-especializado”, segundo José Carlos Reis (2000, p. 109).

Tendo em vista a necessidade de diversificar os métodos de ensino e utilizar novas formas de lidar com o conhecimento histórico, verificou-se a possibilidade do uso de obras literárias nas aulas de história e de criar meios eficazes de introduzi-las na prática pedagógica, sob a perspectiva da interdisciplinaridade, com base nas ideias de Bovo (1994).

Conforme aponta Roger Chartier (2002), a literatura, assim como a história, trata de coisas que aconteceram em um determinado tempo e espaço. Desse modo, apesar de a literatura ser fictícia e a história ter o seu compromisso com a realidade, ambas retratam uma determinada sociedade, com seu modo de viver, seus conflitos e suas ideias. O que diferencia uma da outra é que enquanto a história tem o objetivo de informar, transmitir conhecimento sobre o passado dos homens, a literatura tem fins de entretenimento.

Segundo Andrade (1996), história e literatura aproximam-se principalmente pela importância do testemunho literário para a pesquisa histórica. Através da sua riqueza de dados, a literatura possibilita captar aspectos do cotidiano, por meio de suas representações, auxiliando na análise dos eventos e dos processos históricos.

De acordo com Afrânio Coutinho (2004) o romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, faz parte de um estilo literário surgido então na prosa, o Naturalismo. As ideias naturalistas

chegam ao Brasil a partir de 1870, com as obras *O primo Basílio* e *O crime do padre Amaro*, escritas por Eça de Queiroz, que influenciaram o brasileiro a escrever a obra inaugural do Naturalismo no país.

O Naturalismo é mostrado como um Realismo acrescido de alguns outros elementos, que Afrânio Coutinho (2004) chama de “cunho científico”, que seria a influência exercida por algumas teorias correntes no século XX, como o Darwinismo social e o determinismo, notáveis em alguns romances enquadrados nesse estilo literário.

Seguindo a tendência Naturalista, o romance tem suas bases ideológicas nas teorias racistas em voga no período: darwinismo social, determinismo e positivismo. De acordo com Costa (1997), darwinismo social e positivismo convergem para a explicação das desigualdades sociais como processos naturais.

O darwinismo social, ainda com base nas ideias de Costa (1997), pressupõe que as sociedades passam de um estágio inferior para outro superior. Sendo assim, uns enriquecem mais do que os outros porque são mais aptos para o trabalho. Os brancos europeus tem a capacidade intelectual mais desenvolvida, por isso são mais bem sucedidos, de acordo com o pensamento dos grupos sociais hegemônicos.

Esse pensamento deu suporte às teorias racistas de superioridade dos brancos e à criação de estereótipos para negros, índios, asiáticos e outros grupos étnicos que permanecem impregnados na mentalidade da população até os dias atuais e é bastante perceptível em diversos trechos do romance de Azevedo (2001).

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter bibliográfico, pois é realizada com base na utilização de um romance (SANTOS e MOREIRA, 2019). Antônio Carlos Gil (2002) classifica as obras literárias como fontes de pesquisa bibliográfica, pois “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (2002, p. 45).

Além do romance, recorreu-se à análise de diversos autores sobre a obra de Azevedo (2001) e seus aspectos que remetem às problematizações históricas do período em que se desenvolve o enredo do romance. Também foi feita a análise bibliográfica de estudos que estabelecem relação entre história e literatura, bem como de pesquisas que utilizaram o romance *O Cortiço* como fonte de estudo para temas específicos.

Tendo em vista a importância da leitura para o processo de escolarização, como afirmam Lakatos e Marconi (1992), a leitura do romance foi realizada antes e no decorrer das discussões sobre o tema, e utilizada como requisito para avaliação da disciplina história na I unidade do ano letivo de 2018, em duas turmas de terceiro ano do Ensino

Médio em uma escola da rede estadual do município de Iuiu-BA.

A partir das respostas dos alunos a um questionário aplicado após as discussões, foi feita uma comparação entre estas respostas e as características da sociedade brasileira do período, com base no estudo de obras de historiadores como Gilberto Freyre (2005) e Raymundo Nina Rodrigues (2011).

Além do questionário, principal instrumento para a obtenção dos dados, foram utilizadas também técnicas como a observação participante e a análise de conteúdos, feita com os trechos selecionados do romance *O Cortiço*, que foram analisados de acordo com a sua relação com os conhecimentos históricos pretendidos na pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Publicado em 1890, o romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo se passa nos anos finais da Monarquia no Brasil, retratando o período de transição da Monarquia para a República. Mostra a diversidade popular da capital do império no decorrer da segunda metade do século XIX, bem como seus problemas sociais e econômicos, seus aspectos culturais, étnicos, políticos, enfim, as nuances da vida dos diversos tipos de brasileiros na sociedade retratada.

Azevedo (2001) mostra no seu romance uma sociedade heterogênea, composta por uma mistura de cores, credos, culturas, e condições financeiras diferentes. No mesmo ambiente convivem portugueses, italianos, ex-escravos, escravos, brasileiros pobres, mulatos, mestiços, cujas histórias se entrelaçam com as histórias de uma família rica que consegue um título de nobreza.

A riqueza de detalhes do romance acerca da sociedade brasileira permitiu a análise e observação de questões como: as características dos grupos sociais que compunham o cortiço; o contraste entre as diversas figuras femininas que aparecem no romance, a branca, a mulata e a negra, na condição de escrava; a segregação socioespacial a partir do contraste entre o cortiço e o sobrado; o darwinismo social, a ideia de superioridade de algumas “raças”; o determinismo, com a discussão sobre o termo “abrasileirar-se” utilizado por Azevedo (2001) no romance, atribuindo características negativas aos brasileiros; e, por fim, a forma como negros e mulatos eram tratados no romance, os preconceitos e estereótipos a eles atribuídos.

A percepção que os alunos tiveram acerca das questões propostas foram discutidas e analisadas, em uma comparação entre as respostas dos alunos e observações de historiadores a respeito do tema, estabelecendo um paralelo entre o romance e a sociedade brasileira do final do século XIX.

ASPECTOS ANALISADOS

Grupos sociais que compunham o cortiço

O renomado historiador Gilberto Freyre (1998) mostra a evolução dos cortiços cariocas na segunda metade do século XIX. A quantidade de homens é maior do que a de mulheres e crianças. Deve-se talvez ao fato de os cortiços abrigarem muitos trabalhadores, até imigrantes que vieram para o Brasil em busca de trabalho.

Há um contraste entre o cortiço e o sobrado e o tipo de residência define a situação financeira de quem nele habita. O cortiço é pequeno, de tamanho “desprezível”, o que dá a entender que seus moradores não tem condição de arcar com os custos de uma habitação com um pouco mais de conforto.

As respostas dadas pelos alunos vão de encontro com as palavras de Freyre (1998), que deixa clara a situação de pobreza dos habitantes desse tipo de moradia.

Ao responder que quem vive no cortiço não tem *“condições financeiras de bancar uma casa”*, os alunos perceberam que as condições de habitação são tão precárias que eles nem enquadram esse tipo de habitação na categoria “casa”. É uma habitação de categoria inferior, não tem o conforto necessário para ser classificada como tal. Ou seja, seus habitantes eram uma população muito pobre.

A diversidade de pessoas que habitavam o local revela que a condição de pobreza atingiu vários grupos sociais. Segundo os alunos, esses grupos eram *“as classes mais baixas e pobres, como por exemplo: ex-escravos, lavadeiras, comerciantes, pessoas que trabalhavam na pedreira, prostitutas, italianos”*.

Também perceberam aspectos relacionados à marginalização dos grupos sociais que habitavam o cortiço. Quando os alunos afirmam que essas pessoas eram *“gente que vinha atrás de empregos, outros expulsos da sociedade, pobres e escravos negros”*, eles estão afirmando que essas pessoas viviam à margem da sociedade, pois foram *“expulsos”*.

O termo “expulsos” utilizado pelos alunos revela ser aquele um lugar em que as pessoas frequentam ou vivem por falta de opção, por não conseguirem lugar melhor para viver, como afirma outros: *“Pessoas de classe média baixa que dividiam o mesmo banheiro, a mesma varanda, pessoas ricas tinham condições para ficar em lugares mais confortáveis e os mais pobres viviam em cortiço”*. Ou seja, desprovidos de condição financeira para arcar com os custos de uma moradia mais confortável.

A condição financeira dos moradores do cortiço é evidenciada pelos alunos que os descrevem como *“negros e mulatos muito pobres, alguns viviam em condições muito baixas, atrasavam o aluguel...”*

Também notaram a diversidade das pessoas que viviam nesse tipo de habitação: *“lavadeiras, negros, ex-escravos, escravos, prostitutas, europeus e italianos”*. Não era um

local segregado apenas pela cor, mas pela condição econômica. Brancos pobres também faziam parte do cortiço, como italianos e portugueses. Era habitado por “*peessoas de classe baixa, nele morava várias famílias, portuguesas, escravos, prostitutas, lavadeiras*”.

Figuras femininas

Ao descrever três das personagens femininas do romance, os alunos notaram a diferença social entre elas:

“Bertoleza – trabalhadora, fazia de tudo para ajudar o seu amante João Romão a acumular riquezas e ela era uma ex-escrava; D. Estela – tinha uma classe alta, arrumava jeito de trair o marido sempre que podia; Rita baiana – lavadeira que sempre que podia estava nas farras e roda de samba”.

Aqui os alunos perceberam a diferença social entre as personagens: a ex-escrava (ou escrava), a mulher rica, “*de classe alta*” e a lavadeira. Cada uma pertence a um grupo social diferente, no qual Bertoleza se encontra no nível hierarquicamente mais baixo, Rita estaria em uma posição intermediária, pois, apesar de pobre, não era escrava, além do mais, existia também uma hierarquia de cor na qual os mulatos estavam acima dos negros, e dona Estela, em uma escala superior, branca e rica.

Como cada uma das três mulheres cuja caracterização foi solicitada era de uma cor, esse fato não passou despercebido pelos alunos:

“Bertoleza era uma mulher negra escrava que trabalhava de domingo a domingo tornando-se submissa a João Romão, já Dona Estela mulher brasileira de pele branca, casada com Miranda, com o decorrer da história torna-se baronesa, persuasiva e adúltera. Rita Baiana mulher mulata que, extravagante e gananciosa, dona de si”.

É possível perceber o estereótipo construído para a mulher brasileira: a negra para o trabalho, a mulata sensual e a branca para ser mãe de família, apesar de sua moral duvidosa, neste caso.

Existe no romance um estereótipo de mulher que é definido de acordo com a sua cor: Bertoleza, a negra, para o trabalho; Rita, a mulata, para a diversão e Dona Estela, a branca, para o casamento, o que se confirma através dos relatos de historiadores: “Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: ‘Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar’” (FREYRE, 2005, p. 72).

Segregação socioespacial

O contraste entre moradia de rico e moradia de pobre é evidente no romance. Enquanto o sobrado era habitado apenas pela pequena família do Miranda e alguns poucos agregados, no cortiço “O número de hóspedes crescia; os casulos subdividiam-se em cubículos do tamanho de sepulturas” (AZEVEDO, 2001, p. 131).

Ao ler a descrição do cortiço feita por Azevedo (2001), o aluno tem uma noção de como era a vida no cortiço no Brasil Império. O cortiço descrito por Azevedo (2001) é uma representação da realidade urbana brasileira na segunda metade do século XIX.

O antagonismo entre os dois tipos de habitação é nítido tanto em Freyre (1998) quanto no romance de Azevedo (2001), cujo cortiço era vizinho do sobrado, como que dois elementos disputando o mesmo espaço.

Mais do que uma luta entre duas pessoas pela mesma área desejada por ambos, a luta entre os dois portugueses representa a luta de classes. Uma burguesia ascendente querendo *status* através da exibição de casas luxuosas *versus* um proletariado lutando pela sobrevivência em condições hostis. No romance de Azevedo (2001) esses dois grupos sociais tão distintos entre si convivem muito próximos uns dos outros.

Em *Sobrados e Mucambos*, Gilberto Freyre (1998) descreve os cortiços cariocas, as condições do espaço, como as pessoas viviam ali e faz uma comparação com os sobrados, as casas grandes da cidade, residência da população mais abastada.

Naturalismo, cientificismo e darwinismo social

A superioridade dos brancos com relação às demais etnias é um dos tantos estereótipos que estão impregnados na mentalidade da população brasileira e o século XIX foi terreno fértil para a propagação de teorias que davam sustentação para essas ideias.

As ideias do *darwinismo social* supunham que os negros estavam em uma escala social inferior, faziam parte de um grupo social que ainda não tinha evoluído ao nível dos brancos. Essa tese justificava a exploração dos negros, bem como a escravidão.

Os alunos identificaram características do *darwinismo social* ao afirmarem que “*os homens negros não eram considerados bons e capacitados a ter sucesso e os brancos eram superiores*” e também que “*tinham mais chance de uma vida boa, por isso as próprias negras, mulatas, cafuzas, preferiam se sujeitar a estes, considerados de raça superior*”, pensamento que vai de encontro com as afirmações de Nina Rodrigues (2011).

A inferioridade dos negros diante dos brancos era vista com naturalidade na época, inclusive com sustentação científica.

Para a ciência não é esta inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade nas suas diversas divisões ou seções (RODRIGUES, 2010, p. 12).

Existiam fundamentos científicos para justificar a inferioridade dos negros e de outras etnias diante dos brancos. Rodrigues (2011), em seus escritos, utiliza com muita frequência o termo “*raça inferior*” para referir-se aos negros e índios brasileiros.

Determinismo

O determinismo é uma das correntes científicas do período que afirmam essas ideias racistas de que tratamos. De acordo com seus paradigmas, o clima, o meio ou a “*raça*” são fatores que determinam o comportamento das pessoas.

Todas essas afirmações que muitos dos nossos contemporâneos consideram racistas

e ultrapassadas – visto que o mapeamento genético do ser humano, feito alcançado recentemente pela ciência, mostra sem fundamento científico – eram repetidas pelos grandes nomes da intelectualidade do século XIX e anteriores. “Montesquieu e tempos depois o escritor político [...] Treitschke, atribuíram ao clima tropical a sensualidade, a poligamia e a escravidão” (FREYRE, 2005, p. 334).

Os brasileiros são rotulados como preguiçosos, um povo imoral, preguiçoso, dentre outras coisas. Esses rótulos são justificados pela influência do clima tropical e da miscigenação. Segundo Coutinho (2004), o historiador Hippolyte Adolphe Taine, a partir das ideias positivistas, acreditava que o espírito humano era definido por três aspectos: a raça, o meio social e o momento histórico.

O Cortiço segue a tendência naturalista de que o homem é produto determinado pelo meio, pela raça e pela história. As personagens vão se degradando à medida em que vão convivendo em um meio que é propício a tais circunstâncias.

Miranda casa-se com uma brasileira de família rica e prospera; João Romão abandona a escrava e casa-se com a filha de Miranda, conseguindo, além do dinheiro que já possuía, prestígio, mas “*Jerônimo abraçou-se*”, ao conviver com Rita baiana.

O português Jerônimo, ao chegar no cortiço, possuía um caráter exímio:

Era perseverante, observador e dotado de certa habilidade. [...] principalmente, a grande seriedade do seu caráter e a pureza austera dos seus costumes. Era homem de uma honestidade a toda prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver (AZEVEDO, 2001, p. 53).

Jerônimo é apresentado inicialmente como um homem honesto, trabalhador, habilidoso. Seu caráter é digno de elogios e até o próprio João Romão, apesar de mesquinho, reconhece que vale a pena pagar um pouco mais pelo trabalho de um homem como Jerônimo.

Porém, após a estadia no cortiço e a convivência com Rita baiana, o caráter dele vai se degradando: “A sua energia afrouxava lentamente[...] mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se[...]” (AZEVEDO, 2001, p.85-86).

Até que essa transformação se completa: “O português abraçou-se para sempre; fez-se preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento” (AZEVEDO, 2001, p.175).

É nítida a conotação negativa que Azevedo (2001) emprega ao termo “abrasileirar-se”. Um homem que possuía as qualidades a ele atribuídas ao chegar de Portugal, se vê completamente transformado após sua estadia no Brasil, sua convivência no cortiço e com Rita.

De habilidoso, honesto e perseverante Jerônimo passa a preguiçoso, trai a mulher, começa a faltar ao trabalho, como observa os alunos: “*quando ele era português era perseverante, observador de bom caráter e honesto. E depois de se tornar brasileiro ficou*

preguiçoso e extravagante”.

Até seus hábitos alimentares sofrem mudança, deixa o chá e passa a beber café e cachaça.

Os alunos perceberam o aspecto negativo do termo “abrasileirar-se” ao afirmarem que *“pessoas brasileiras tinha a fama de preguiçosos, invejosos, sem etiqueta, então ele aprendeu tudo isso convivendo com pessoas assim, abasileirando-se”,* ou então, *“o autor quis passar uma mensagem de que ele pegou os costumes do Brasil, preguiça, abusar, gastar mais do que guardar, beber etc”,* e ainda *“tirando a pureza portuguesa e adquirindo os defeitos brasileiros”.*

O português era puro e honesto, enquanto vivia com os hábitos e costumes trazidos de Portugal. Quando se torna brasileiro, de fato, Jerônimo é só defeitos.

Essa mudança no caráter de Jerônimo, que era por natureza bom, honesto e trabalhador, dentre outras características do português branco, vai se manifestando a partir da convivência degradante com o meio, que é o cortiço. O meio influencia as atitudes do homem e determina a sua reação.

CONCLUSÕES

A partir do trabalho realizado, podemos afirmar que é possível e recomendável utilizar a literatura como recurso didático nas aulas de história.

As discussões e avaliações realizadas em sala de aula possibilitaram que os alunos estudados conseguissem estabelecer paralelos entre trechos do romance e características da realidade social do período estudado, como mostram as respostas dos questionários por eles respondidos. Da mesma forma foi possível também explorar diversos temas pertinentes à história do período, como as desigualdades sociais e socioespaciais, desigualdades de gênero, cor, preconceitos de raça e lugar, dentre outros aspectos considerados relevantes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco. **A literatura no ensino da história da Bahia: a obra de Jorge Amado.** Sitientibus. Feira de Santana, n.14, p. 09-21, 1996.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço.** São Paulo: Ática, 2001.

BOVO, Marcos Clair. **Interdisciplinaridade e transversalidade como dimensões da ação.** Revista Urutágua. Revista acadêmica multidisciplinar - número 07 ago/set/out/nov – Maringá, Paraná: 1994. ISSN 1519.6178 Retirado de: <<http://www.uem.br/urutagua/007/07bovo.htm>> Acesso em: 15 de julho de 2018.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude.* Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

COSTA, Cristina. **Sociologia – Introdução à ciência da sociedade.** São Paulo: Moderna, 1997.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2004

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2005.

_____. **Sobrados e Mucambos: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 2**. Rio de Janeiro: Record, 1998

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. São Paulo: Atlas, 1992.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011.

_____. **Os africanos no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SANTOS, Irenice de Oliveira Silva e MOREIRA, Maria Aparecida Antunes. **História e Literatura: O Cortiço na Sala de Aula**. In: XIII Colóquio Nacional VI Colóquio Internacional do Museu Pedagógico - UESB, 2019, Vitória da Conquista/BA. XIII Colóquio do Museu Pedagógico, 2019. v. 13. p. 1350-1354.

SOBRE O ORGANIZADOR

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA - Professor do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (Uneb - Campus VII) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA (Uneb - Campus III). Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB), Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias (IESCFAC), Especialista em Educação Matemática e Licenciado em Matemática pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF). Foi professor e diretor escolar na Educação Básica. Coordenou o curso de Licenciatura em Matemática e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) no Campus IX da Uneb. Foi coordenador adjunto, no estado da Bahia, dos programas Pró-Letramento e PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa). Participou como formador do PNAIC/UFSCar, ocorrido no Estado de São Paulo. Pesquisa na área de formação de professores que ensinam Matemática, Ludicidade e Narrativas. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (CNPq/UFSCar), na condição de pesquisador e do Grupo Educação, Desenvolvimento e Profissionalização do Educador (Uneb/PPGESA), na condição de vice-líder.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 1, 3, 4, 5, 9, 10

Arte 35, 37, 38, 39, 40

B

Bahia 12, 17, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 31, 34, 35, 48, 56, 58

Brasil 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 34, 35, 36, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57

C

Classe 12, 13, 14, 15, 17, 20, 21, 37, 40, 52, 53

Classe Trabalhadora 37, 40

Comunicação 1, 3, 4, 5, 10, 32

Cultura 3, 13, 23, 27, 28, 29, 35, 36, 38, 40, 45, 58

E

Educação 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 47, 58

Educação Inclusiva 1, 3, 4, 8, 9, 10

Educação Não Formal 4, 10, 11, 37, 40

Educação Superior 12, 16

Educação Técnica 41

Emancipação Humana 37, 38, 40

Ensino de História 48

Escolarização 12, 13, 16, 20, 25, 26, 50

Escolas Técnicas 41

Estrutura Social 17, 40

Experiência 1, 2, 3, 5, 31, 38, 39

F

Feminismo 14

Formação Lúdica 22, 24, 32, 33, 34

G

Gênero 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 37, 40, 43, 44, 47, 56

H

História 15, 18, 21, 23, 24, 27, 28, 30, 35, 36, 38, 48, 49, 50, 53, 55, 56, 57

I

Identidade Docente 28, 34

Institutos Federais 41, 42, 43, 44

J

Juventude Rural 41, 43, 44, 45, 46

L

Licenciatura em Matemática 22, 24, 31, 34, 58

Literatura 10, 18, 48, 49, 50, 56, 57

Ludicidade 2, 23, 24, 32, 33, 34, 58

M

Mediação 2, 3, 7, 8, 34, 37, 38, 40

Memórias 22

Mulher Negra 12, 13, 14, 15, 19, 20, 53

Museu Casa da Descoberta 1, 2, 4, 5, 6, 9, 10, 11

Museu Pedagógico 57

O

O Cortiço 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57

P

Pesquisa 1, 2, 3, 10, 11, 12, 13, 16, 20, 21, 28, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 49, 50, 51, 57, 58

Processo Histórico de Escolarização 12

S

Sala de Aula 4, 48, 56

Sucessão Rural 41, 43, 44, 46

T

Trabalho 1, 3, 4, 12, 13, 15, 19, 20, 21, 23, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57

U

Universidade 2, 4, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 34, 35, 36, 37, 43, 56, 58

V

Vale do Jequitinhonha 41, 42, 43, 44, 46, 47

Museu Pedagógico e Memória Educativa

www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 

Museu Pedagógico e Memória Educativa

www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 